

O TERCEIRO HOMEM

Sérgio Roxo da Fonseca

O filme Terceiro Homem sempre esteve envolto em histórias e lendas prováveis e improváveis, lançando um manto de mistério tanto na sua narrativa, como na sua filmagem. É de 1949, com fotografias expressionistas em fortíssimo preto e branco. O mercado era fortemente norte-americano. O filme, ao contrário, é inglês. Como inglês foi seu diretor Carol Reed que trabalhou sobre uma história escrita por outro britânico, o extraordinário Graham Greene.

A narrativa ajoelha-se frente aos postulados da guerra fria quando ainda era morna. Havia necessidade política de esmaecer as vitórias dos russos contra o nazismo, derrotado por eles em Varsóvia, Viena e Berlim. Os norte-americanos e ingleses, contra a opinião de De Gaulle, somente enviaram tropas para o cenário europeu no Dia D, 6 de junho de 1944, data eleita por Hollywood como o sinal da derrota dos nazistas, quando então as tropas russas já estavam em Berlim. A guerra oficialmente terminou em maio de 1945. Viena, como Berlim, foi repartida pelos países aliados.

No filme, as tropas de ocupação pretendem prender um norte-americano que então vendia penicilina falsa, matando doentes. O papel do criminoso é protagonizado por Orson Welles, o Harry.

Durante as filmagens, os artistas foram a um restaurante quando ouviram um músico austríaco apresentar uma composição de rara beleza. O compositor e músico chamava-se Anton Karas. Imediatamente os produtores do filme adquiriram os direitos para veicular a música em sua trilha sonora. A música herdou o nome do filme, o Terceiro Homem. Foi a mais ouvida no início da metade do século XX, inaugurando uma época durante a qual a fita sonora passou a valer dinheiro, melhor dizendo, muito dinheiro.

Uma questão de ética, marca registrada de Graham Greene, surgiu com o filme. Na então roda gigante maior do mundo, em Viena, encontram-se dois antigos amigos, o “mocinho”, Joseph Cotten, e, o “bandido”, Orson Welles.

O “mocinho” pergunta para o “bandido” se ele realmente estava vendendo penicilina falsa, matando assim muita gente. O “bandido” explica que a “penicilina” falsa somente estava contribuindo para o desejo de todos: morrer logo, acrescentando que, portanto, aquilo não era crime, mas, sim, uma firme contribuição para resolver problemas sociais.

Acrescenta o “bandido”: a Itália sempre foi governada por ditadores sanguinários. Por isso, produziu Maquiavel, Leonardo, Michelangelo, Dante e Verdi. Ao contrário, a Suíça, com uma democracia secular, somente revelou o relógio do cuco. A afirmação, sobre ser repelente, ainda permeia muitas das relações modernas: “se não houver ditadura, não haverá progresso”. Como sempre, a crítica de Grahman Greene não desaparece. O tempo não mata a sua inteligência!

Na cena final, Harry foge da polícia pelos enormes esgotos de Viena. Foram muitos os aplausos para a cena e para o seu famoso artista. Contudo, diz a história que, na ocasião, Orson Welles estava doente, tendo sido substituído por um sócio. Outra falsificação? Talvez. Mas o seu sorriso cínico lá está presente como que para escarnecer da civilização moderna.

Num restaurante de Viena, um garçom pergunto-me qual era a música que pediria para a orquestra. Percebi que um dos músicos tinha consigo uma cítara. Solicitei que tocassem a música de Karas para o “Terceiro Homem”. Pela primeira e última vez fui aplaudido pelos músicos.